

## MÍDIA E IDEOLOGIA: UMA LEITURA CRÍTICA\*

PESSOTO; Umberto Catarino\*\*

SOBREIRA; Antônio\*\*\*

**Resumo:** O presente artigo seleciona algumas tradições de pensamento e suas interpretações do conceito de ideologia. O conceito moderno de ideologia é confrontado com teorias críticas, evitando tanto a simplificação quanto o fatalismo. A cortina tecnocrática que veste o conceito de ideologia cria uma interpretação do termo que se afasta do político. No lugar da esperança e de um presente possível cria-se uma imagem de progresso da história que não é capaz de responder às ansiedades humanas mais básicas. A análise de uma matéria jornalística sobre o Movimento dos Sem Terra permite exemplificar como uma parte da mídia nacional conduz seu discurso ideológico para aniquilar experiências sociais importantes.

Palavras-chave: ideologia; intelectuais; movimentos sociais; mídia

**Resumen:** El presente texto hace una reunión de los conceptos modernos de la ideología y confrontarlos con las teorías críticas, todavía sin ser simplista ni quedar en el fatalismo. La cortina tecnocrática hace vestirse de un entendimiento separado de la política, mientras la esperanza de un presente posible y sustituirla por un imagen del progreso de la historia incapaz de contestar las angustias humanas. El análisis de un artículo en periódico nacional contra el Movimiento dos Sem Terra (Movimiento de los Sin Tierra) es una ejemplificación de los empeños ideológicos de una parte de la prensa nacional con objetivos de abatir expresivas experiencias sociales en nuestro país.

Palabras clave: ideología; intelectuales; movimientos sociales; mídia

**Abstract:** This study search traditional thought about ideology concept. The modern concept of ideology is confronted with critical theories without simplification and fatalism. The aim is political meaning inside this concept. The image of history like a continuous progress takes place a present possibilities for basic human needs. The analysis of a newspaper article of the Brazilian Workers' Movements Without Lands (MST) allows to exemplify as national media drives its ideological speech against social experiences.

Key-words: ideology; intellectuals; social movements; mídia.

### 1. A tradição

Do significado inicial de ideologia - historicamente cunhado por Destutt de Tracy no final do século dezoito, que se reportava à fundação de uma ciência da gênese das idéias, que no final das contas teria como objeto as próprias idéias - até os tempos 'pós-modernos', o termo sofreu mudanças de significado que acabaram quase que por inutilizá-lo. De um possível conceito tornou-se um xingamento e, como todo bom desacato, genérico demais.

Essa banalização do termo obrigou alguns teóricos a adotar outras designações, como que buscando afastar o *non sense* associado ao termo, tais como: visão de mundo, falsa consciência, forma de consciência, doxa e desenvolver seus argumentos com maior liberdade e melhor delimitados.

Raymond Boudon traça um panorama das várias vertentes teóricas que, de uma maneira ou de outra, se utilizam do termo como recurso metodológico e fundamentação explicativa. No estudo da trajetória da utilização desse termo, ele destaca duas grandes correntes: a marxista e a não-

---

\* O conteúdo desse texto é fruto de pesquisas de doutorado correlatas dos autores.

\*\* Doutorando em Geografia FCT/UNESP. <ucpessoto@terra.com.br>

\*\*\* Doutorando em Geografia FCT/UNESP. <sobregeo@ig.com.br>

marxista. E também distingue duas variantes filosóficas: uma que se apóia nos critérios do verdadeiro e do falso e outra que não. Desta maneira, ele constrói o seguinte quadro didático:

TIPOS DE DEFINIÇÃO DA IDEOLOGIA		
Tipos de tradição	Referidos ao critério de verdadeiro e de falso	Não referidos ao critério de verdadeiro e de falso
marxista	Marx: A ideologia como ciência falsa.	Lenin: A Ideologia como arma na luta de classes.
	Os teóricos da consciência reflexo.	Althusser: A Ideologia, atmosfera indispensável à respiração social <sup>1</sup> .
não-marxista	Aron: A Ideologia não advindo diretamente, mas indiretamente do verdadeiro e do falso.	Geertz: A Ideologia como ação simbólica
	Parsons: A Ideologia, desvio em relação à objetividade científica.	Shils: A Ideologia, tipo particular de sistema de crenças.

Fonte: Boudon (1989, p.32)

Como se pode perceber por esse quadro sintético, são muitas as concepções acerca do termo, mesmo dentro de vertentes de correntes teoricamente afins. De qualquer maneira, o significado que mais se difundiu, com certeza, foi o do referido ao critério de verdadeiro e falso. Mormente, o de tradição marxista referenciado àquele critério.

Como foi a tradição marxista, e as correntes de esquerda dela derivadas, quem popularizou o termo ideologia nada mais lógico que o senso-comum emprestasse dessa tradição seu peculiar significado, mesmo considerando o peso político e histórico de personagens como Lênin e Gramsci no que tange ao *fazer acontecer*.

Para não deixar dúvidas, tomamos aqui como esquerda todos os que, sejam intelectuais, partidos, personagens ou movimentos gerais, sempre lutaram contra a exploração de muitos por uns poucos. E que sempre lutaram pela igualdade social, econômica e política das sociedades e que nunca transigiram em nome da falácia das eficiências ou eficácias econômicas.

Cabe, então, uma crítica de Boudon na sua historiografia e classificação de significados do termo: a desconsideração do teórico italiano. Vejamos o porquê.

A crítica mais mordaz e ácida que o autor faz a Marx na sua definição de ideologia é na exemplificação analógica do fenômeno. Boudon toma o seguinte exemplo de Marx, em ‘A Ideologia Alemã’, quando da tentativa deste de ilustrar a reflexão:

A produção de idéias, de representações, da consciência é, antes de tudo, direta e intimamente imbricada na atividade material e comércio material dos homens. Ela é a língua da vida real. As representações, o pensamento e o comércio intelectual dos homens aparecem, aqui também, como emanção direta de seu comportamento material. Isto vale para a produção intelectual, tal como aparece no discurso político, moral religioso, a metafísica, etc., de tal povo. Os homens são os produtores de suas representações, de suas idéias, mas são homens atuais, ativos, da forma que são condicionados pelo desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo comércio que estas forças determinam, inclusive nas suas formas mais longínquas. [...] Se em toda ideologia os homens e suas relações parecem estar de cabeça para baixo, como dentro de uma câmara obscura, isto resulta de seu processo de vida histórica, exatamente como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida diretamente física. (MARX apud BOUDON, 1989, p.50).

<sup>1</sup> Não confundir este sentido de ideologia com o slogan que nos alerta Geuss que enuncia ser uma: “ilusão socialmente necessária” (1988, p.28).

A consideração que Boudon faz a essa analogia é a seguinte:

Seguramente a teoria *geral* de Marx é, por seu lado não só insuficiente mas inaceitável. A imagem da câmara obscura que pretende assimilar a ideologia à visão não é mais do que uma simples *metáfora*, querendo dar ares de analogia, pois ninguém conseguiu formular a menor hipótese sobre a natureza do que seria, no processo ideológico, o análogo do nervo ótico ou olho no processo de visão. (BOUDON, 1989, p.58).

Ora, por essa colocação crítica, torna-se imperdoável a ausência de Antônio Gramsci na análise geral que o autor faz ao perscrutar as origens e o desenvolvimento da significação do termo ideologia nas ciências sociais. Dizemos isso porque foi Gramsci quem, dentro da escola marxista, mais desenvolveu e se preocupou com a chamada superestrutura, ou seja, o campo da cultura, da política, da religião, do jurídico e da ideologia.

Em suas reflexões acerca dos intelectuais - grupo social de enorme peso no corpo de seu pensamento teórico - Gramsci destina papel fundamental a eles no que tange à disseminação de visões de mundo e das idéias. Vejamos o que diz nesta passagem:

A relação entre os intelectuais e o mundo da produção não é imediata, como é o caso nos grupos sociais fundamentais, mas é 'mediatizada', em diversos graus, por todo contexto social, pelo conjunto das **superestruturas**, do qual os intelectuais são precisamente os 'funcionários'. Poder-se-ia medir a 'organicidade' dos diversos estratos intelectuais, sua mais ou menos estreita conexão com um grupo social fundamental, fixando uma gradação das funções e das superestruturas de baixo para cima (da base estrutural para cima) Por enquanto, pode-se fixar dois grandes 'planos' superestruturais: o que pode ser chamado de sociedade 'civil' (isto é, o conjunto de organismos chamados comumente de 'privados') e o da 'sociedade política ou Estado', que correspondem à função de 'hegemonia' que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de 'domínio direto' ou de comando, que se expressa no Estado e no governo 'jurídico'. **Estas funções são precisamente organizativas e conectivas.** Os intelectuais são os 'comissários' dos grupos dominantes para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso 'espontâneo' dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce 'historicamente' do prestígio (e, portanto, da confiança) que o grupo dominante obtém, por causa de sua posição e de suas função no mundo da produção; [...]. (GRAMSCI, 1987, p.13, grifos nossos).

Nessa passagem, Gramsci explicita uma peculiar teoria acerca do papel dos intelectuais na conformação do modo de se ver o mundo e como ele é interpretado pela sociedade em geral, e mais para frente continua:

O que é que o partido político se torna em relação ao problema dos intelectuais? É necessário fazer algumas distinções: 1) para alguns grupos sociais, o partido político não é senão o modo próprio de elaborar sua categoria de intelectuais orgânicos (que formam assim, e não podem deixar de se formar, dadas as características gerais e as condições de formação, de vida e de desenvolvimento do grupo social dado) diretamente no campo político e filosófico, e já não mais no campo da técnica produtiva; 2) o partido político, para todos os grupos, é precisamente o mecanismo que representa na sociedade civil a mesma função desempenhada pelo Estado, de um modo mais vasto e mais sintético, na sociedade política, ou seja proporciona a fusão entre os intelectuais orgânicos de um dado grupo - o grupo dominante - e os intelectuais tradicionais; e esta função desempenhada pelo partido precisamente em dependência de sua função

fundamental, que é a de elaborar os próprios componentes, elementos de um grupo nascido e desenvolvido como ‘econômico’, até transformá-los em intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao desenvolvimento orgânico de uma sociedade integral, civil e política [...]. (GRAMSCI, 1987, p.16).

Nesses dois pequenos trechos, pode-se perceber que os intelectuais e o partido político desempenham papel fundamental no desenho do mapa ideológico das sociedades. Em outras passagens e escritos, Gramsci discute mais a fundo as categorizações de intelectuais, classificando-os em grandes, médios e pequenos. Nesta classificação ele descreve papéis que essas duas últimas categorias desempenham na conquista da hegemonia da ideologia de um determinado grupo social fundamental ou partido político junto aos “simples” - que é como ele denominava o homem comum (FERREIRA, 1986, p. 10).

Logicamente que a hegemonia se dá na esfera da sociedade integral, e para que isso ocorra o grupo fundamental deve, necessariamente, ser classe dirigente, ou seja, conquistar, também, a sociedade política ou Estado e não somente os corações dos simples.

Segundo Freitag (1986, p.42), Horkheimer, em 1937, havia lançado as bases de uma teoria do intelectual orgânico: “[...] visto como alguém que colabora ou na tentativa de cimentar as relações sociais e de dominação existentes (teóricos tradicionais) ou na luta pela libertação (teóricos críticos)”. Para Freitag, a elaboração desse conceito foi simultânea à de Gramsci e explica esse fato porque ambos tiveram experiência política da perseguição fascista e a mesma convicção teórica, o marxismo. Horkheimer conheceu posteriormente a obra de Gramsci e reconheceu as similaridades. A atenção que se pede trata do construto teórico da Escola de Frankfurt que se ocupou da ideologia contida na razão iluminista e a forma como a ciência passou a servir, como os intelectuais, aos interesses de uma classe, criando o termo para isso denominado ‘razão instrumental’, representada pelos neo-positivistas filiados ao pensamento de Karl Popper.

Zizek (1996), ao analisar a Escola de Frankfurt, atenua alguns aspectos da ação ou efetividade da razão instrumental, indicando-nos algo mais sobre a compreensão do termo:

[...] a idéia de ‘razão instrumental’ deixou de caber no horizonte da crítica da ideologia – a ‘razão instrumental’ designa uma atitude que não é simplesmente funcional no tocante à dominação social, mas serve, antes, como a própria base da relação de dominação. Assim, uma ideologia não é necessariamente ‘falsa’: quanto a seu conteúdo positivo, ela pode ser ‘verdadeira’, muito precisa, pois o que realmente importa não é o conteúdo afirmado como tal, mas ‘o modo como esse conteúdo se relaciona com a postura subjetiva envolvida em seu próprio processo de enunciação’. Estamos dentro do espaço ideológico propriamente dito no momento em que esse conteúdo – ‘verdadeiro’ ou ‘falso’ (se verdadeiro, tanto melhor para o efeito ideológico) – é funcional com respeito a alguma relação de dominação social (‘poder’, ‘exploração’) de maneira intrinsecamente não transparente: ‘para ser eficaz, a lógica de legitimação da relação de dominação tem que permanecer oculta. (ZIZEK, 1996, p.13).

Em verdade, toda essa digressão foi para mostrar que a discussão em torno do termo ideologia é longa e tortuosa, mas não tanto a ponto de se desqualificar a tradição que mais se empenhou na elucidação do conceito. Em Gramsci, percebe-se facilmente qual seria, analogicamente, o nervo ótico ou olho reclamado por Raymond Boudon. E dá para perceber também que o termo perde a sua concepção negativa para ganhar sua real dimensão de particularidade, ou seja, o conjunto de idéias e crenças que informam um determinado modo de sentir, pensar e agir de um grupo social o que será sempre ideológico para o grupo social dominante que detém a hegemonia da sociedade integral, do mesmo modo que para os grupos em litígio a concepção de mundo hegemônica também será sempre ideológica. Não no sentido de falso ou

verdadeiro, mas no sentido de particularidade. O resto é posicionamento político perante as desigualdades e iniquidades sociais engendradas pelas correlações de forças na história.

Geuss (1988), num trabalho específico sobre a Teoria Crítica conduzida por Habermas, aponta para ideologia três distinções elucidativas que são os sentidos de ideologia descritiva, pejorativa e positiva. Essas distinções são importantes porque fornecem qualidades na análise do termo. No caso da ideologia no sentido descritivo, “não é não-valorativo e não-judicativa” (1988, p.13), quer dizer, não se louva nem se amaldiçoa, mas preocupa-se em descrever os feixes que unem a diversidade do sistema de ideologias de um grupo e como elas se organizam e dão um caráter próprio de funcionamento do grupo. O sentido pejorativo de ideologia já faz a abordagem deste modo por ser esta considerada uma falsa consciência ou ilusão, por isso pejorativa. Consiste sua definição e três de tipos por suas propriedades, a saber: as propriedades epistêmicas, funcionais e genéticas (GEUSS, 1988, p.24).

A ideologia no sentido positivo é aquela que serve como arcabouço central da teoria da ação comunicativa desenvolvida por Habermas que trata da ideologia como um acordo claro e transparente entre as pessoas, mediado pelo diálogo e pela definição de supressões de desejos acordados entre as partes.

Essas principais delimitações merecem ser mais exploradas, mas aqui o que deve ser pontuado é a aproximação do fato de que não existe algo satânico na ideologia, pois ela pode ser fruto de um acordo dialogado nos termos da ação comunicativa; então, não possui uma propriedade sutil ou difusa para dar estabilidade ou justificar a hegemonia (Herrschaft) (GEUSS, 1988, p.28). – não é oculta. O sentido de ideologia positiva sintetizada por Geuss dá nota a um otimismo e a uma forma de compreensão que permite ir além nas pesquisas e no discernimento dos sentido; de ideologia e suas diversas nuances.

Uma leitura agradável e sem ranço dos academicismos que ilustra bem o papel dos intelectuais na inversão da imagem ocorrida na câmara obscura pode ser encontrado no belíssimo livro de Ignazio Silone, *Fontamara*, onde o autor narra as peripécias dos militantes que se organizaram contra a dominação dos senhores de terra e o Estado, o príncipe Torlonia.

## 2. O moderno

Para além da problematização desenvolvida por Raymond Boudon e outros autores aqui apontados, que buscam na tradição do pensamento ocidental moderno as raízes e desenvolvimento do termo ideologia, parece-nos que Boaventura de Sousa Santos possibilita um salto qualitativo significativo no trato da questão, quando discute a moderna “equação entre raízes e opções” (1997, p.106).

Na sua brilhante formulação, onde distingue o pensamento das raízes e o pensamento das opções, o autor consegue caracterizar, magnificamente, a grande façanha do moderno pensamento social hegemônico que é transformar as opções em raízes e vice e versa. Mais do que isso, ele consegue desvendar o mecanismo de perpetuação do presente enquanto ideologia espontânea dos vencedores, a burguesia.

A imagem mais forte e contundente é a figura da canibalização do passado e do futuro pelo presente. A partir dessa figura ele demonstra como as opções dos homens, no passado, assumem ares de raízes e, por conseguinte, de inevitabilidade ou como afirma Zizek:

O modo mais destacado dessa ‘mentira sob o disfarce da verdade’, nos dias atuais, é o cinismo: como desconcertante franqueza, ‘admite-se tudo’, mas esse pleno reconhecimento de nossos interesses não nos impede, de maneira alguma, de persegui-los; a fórmula do cinismo já não é o clássico enunciado marxista do ‘eles não sabem, mas é o que estão fazendo’; agora, é ‘eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas fazem assim mesmo’ (ZIZEK, 1996, p.14).

Agora não é mais a tradição ou a religião informando a conduta dos homens, mas sim a razão e, por paradoxal que possa parecer, é essa mesma razão que, segundo o autor “não tem outro

fundamento senão criar opções e é nisto que ela se distingue, enquanto raiz, das raízes da sociedade do Antigo Regime (a religião e a tradição). É uma opção que, ao radicalizar-se, torna possível um enorme campo de opções” (SANTOS, 1997, p.108). Paradoxal porque, como é que podemos, com tal raiz, transformar o passado em algo natural, inevitável, e não produto dos homens? A resposta é pela eternização do presente.

Portanto, a base das reflexões de Boaventura Santos é este “jogo de espelhos” entre opções e raízes, o transmutar de simples idéias e probabilidades em única possibilidade. A única regra aceita e possível é a do vencedor, o resto é atraso. Esta é uma maneira de sentir, pensar e agir de veras forte na sociedade moderna competitiva. Tivemos a figura do yuppie, agora do workholic. Certamente o chamado “darwinismo social” funda suas bases neste jogo de espelhos, onde hoje a única saída é competir ao máximo, custe o que custar.

O passado não interessa, o futuro a Deus pertence, somente o presente importa. A razão, mãe das possibilidades, transforma-se no algoz da história e, como disse Max Horkheimer, em “o Eclipse da Razão”, é uma máquina à deriva que expeliu o maquinista. Nada mais nefasto do que a teoria da inevitabilidade da globalização. Não há outro jeito, é inevitável e, no fim das contas, benéfico. Aqui seria o caso de perguntar como os peles-vermelhas: inevitável e benéfico para quem, cara-pálida?

Ou seja, temos hoje a pré-anúnciação da naturalização do presente também. Assim como o passado foi uma acumulação de fatalidades, o presente se configura como a fatalidade. Em breve, o Angelus Novus poderá não mais saber se é o passado ou o próprio presente que é uma roupa que não nos serve mais, como na canção de um músico brasileiro.

Está aí, pois, a grande teoria dos vencedores, a transformação das possibilidades de escolha em fatalidade e, no limiar, ‘a eternização do presente’. E este conduz, necessariamente, ao embotamento da reflexão e à impossibilidade do pensar e do fazer as transformações sociais. É a ideologia em sua mais pura manifestação, mas não transparecendo enquanto tal porque hegemônica.

Essa sutileza de um pensamento que não se localiza, essa capacidade de oferecer pensamentos que nutrem atitudes fatalistas é, para Habermas, uma tarefa de elucidação própria da Teoria Crítica, para aproximar as pessoas dos processos de auto-opressão que fazem defender interesses que não são os próprios, buscar suprir necessidades que não são as suas e a desejar o que nunca de fato esteve nem no campo de suas necessidades e muito distante de seus interesses. Este sentido emancipatório dos primeiros teóricos da Escola de Frankfurt toma um sentido menos pessimista em Habermas, fazendo com que alguns teóricos digam que Habermas se afasta do marxismo e de seus predecessores intelectuais.

### **3. Conclusão: a exemplificação do moderno**

Na página 34 da revista “Veja” de 16/04/97, podemos ver de maneira cristalina tanto o que Gramsci quanto Boaventura Santos tentaram, de uma maneira ou de outra, elaborar em suas reflexões sobre o fenômeno da ideologia. A matéria da revista versava sobre a marcha desencadeada pelo Movimento dos Sem-Terra, o MST. Aqui vamos considerar a matéria da página citada como a opinião dos proprietários ou prebostes da revista, e como tal uma elaboração teórica de intelectuais organicamente (no sentido gramsciano) vinculados ao grupo dominante do país. Ou se tem alguma dúvida de que são vinculados ao grupo dominante e dirigente da nação?

A matéria é um primor em exemplificação do que Boaventura chama de irrupção do passado no presente. São as antigas raízes, hoje opções descartadas por serem ‘arcaicas’ em demasia. Pois como na narrativa da revista:

Na era do avião a jato, eles andam a pé. Quando a economia se globaliza, seu ideal é um pedaço de chão com cerca, uma vaca no pasto e uma roça atrás de casa. O mundo caminha no passo da informática e da alta tecnologia, e eles querem trabalhar a terra, enxada na mão. A moçadinha vai de rock, e o hino do Movimento

dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST, canta uma pátria ‘operária e camponesa’. Representantes de um Brasil arcaico, descalço, dentes ruins, bichos-de-pé e pouco estudo, os sem-terra invadem propriedades, desrespeitam a lei e enfrentam a polícia. Já morreram e mataram nesses conflitos. Parecem um pouco os fanáticos do beato Antonio Conselheiro.

Esta é uma verdadeira pérola dessas manifestações ideológicas correntes no mundo da modernidade. Que teimosia esta do passado insistindo em aparecer e incomodar o venturoso presente. E que ironia, esses arcaicos querem apenas o direito sagrado à propriedade. Pena que chegaram tarde ao banquete, pois não é mais este o tipo de reforço que o sistema social baseado na propriedade privada dos meios de produção precisa. Há três séculos atrás, seriam bem-vindos, mas agora não. É preciso, aqui, deixar claro que não é por puro capricho ou vontade de manipulação que se tenta desclassificar as demandas desses deserdados da terra.

Entendemos como perfeita a posição de Renato Janine Ribeiro expressa no Caderno Mais do jornal “Folha de São Paulo” em seu artigo ‘A palavra democrática’, onde diz:

Mas não pensamos, com isso, retomar a crítica marxista à ideologia burguesa - até porque poderíamos mostrar como também ela é ideológica. O fato é que, mesmo sem a intenção explícita de manipular o outro (a ausência dessa manipulação explícita é o traço *essencial* da ideologia, distinguindo-a da mentira, já que na construção da ideologia é decisivo que também o construtor esteja tomado pelas convicções que deseja inculcar nos outros) (1) ocorre, socialmente, essa manipulação. (RIBEIRO, 1997, p. 8).

Mas, tendo como pano de fundo a propositura de Boaventura, a ideologia dominante terá que conviver com essas irrupções do passado. São as opções abandonadas, ou relegadas, pondo em verificação as opções modernas, transformadas em raízes. Esses arcaicos, sem dentes, descalços e analfabetos estão cobrando a fatura de escolhas feitas há séculos. Escolhas e opções que insistem em se apresentarem enquanto raízes. Raízes calcadas na razão iluminista.

Esta razão iluminista, na realidade, tornou-se uma cortina tecnocrática que desmobiliza as pessoas, pois travestida que é pelo discurso científico ilustrado, surrupia das lides sociais o direito de exigir direitos e por tal sentido, serem tratadas como demandantes coerentes com os ideais democráticos. Neste serviço de construir uma razão iluminista que salva, os intelectuais tradicionais orgânicos assumem seu papel de descaracterizar os movimentos e desautorizá-los à maneira científica. Freitag explana em poucas palavras da seguinte forma:

Ideologia tecnocrática, segundo a qual questões políticas não podem mais ser resolvidas politicamente, à base de negociações e lutas, e sim, tecnicamente, de acordo com o princípio instrumental de meios ajustados a fins. (FREITAG, 1986, p. 94).

Habermas, segundo Geuss (1988), assume um outro componente que segue por uma razão que dialoga através da ação comunicativa, que conduz as partes a entendimentos igualitários, onde as frustrações serão tão partilhadas quanto as soluções, mas uma frustração consentida e mediada produz um efeito numa sociedade igualitária de repressão de desejos e não de opressão excedente, pois é pautada na dialética e na consideração da intersubjetividade da linguagem dos agentes.

A desautorização histórica da reivindicação por direitos em nome de uma suposta propriedade privada é defendida a despeito desta posse não servir em sua finalidade social, que ao nosso ver, deve estar inscrita na conduta dos assuntos da sociedade. Não se julga a opulência das classes ricas ao despejar seu dinheiro em banalidades narcíseas como sendo um retrocesso cultural. As frutas que são transportadas em aviões e os recursos naturais raros como os corais utilizados nas jóias e tantos outros exemplos de destinação supérflua não são colocados no mesmo parágrafo dos “arcaicos” manifestantes. A eleição do que pode ser denominado arcaico ou moderno, na leitura de

uma certa parte da mídia, está desconectada da realidade social de nosso país, enquanto não é arcaico destruir recursos naturais e sociais em nome da especulação.

Apesar de não ser unânime e, portanto, nem totalitária, a idéia da necessidade imperiosa do ajustamento das sociedades à globalização dos mercados e da economia possui substratos fortes no geral das opiniões, tanto dos intelectuais, sejam grandes, médios ou pequenos, quanto do homem de média educação formal. Principalmente quando se tem claro o papel social destinado à escola, com sua crescente especialização, na formação do indivíduo fadado a se inserir no mercado de trabalho disponível. Não podemos desprezar a idéia presente no senso comum de que, quem não tem competência não se estabelece. Uma abstração que pasteuriza as condições de desigualdades socialmente construídas no campo das competições. Na há equalização de oportunidades no seio do quadro geral dos competidores. E ela não é nada natural.

Os eventos ocorridos com jovens de Paris, no segundo semestre de 2005, explicam bastante essa descrença na escola e no processo voraz da competitividade. A seleção não é feita apenas por competência e capacitação. E os casos que subvertem essa regra, são efetivamente exceções que se tornam regras do estilo “self made man”.

Nessas épocas coloniais do pensamento qualificador do trabalhador como virtude do sucesso, a qualificação e competitividade são os alimentos do tambor de uma arma que atira a esmo trabalhadores num processo concorrencial insano até que sucumbam, e esfriem como projéteis, atritados pelo ar da defasagem técnica, caídos em terras da substituição por outro trabalhador, mais ou menos qualificado, para mais ou menos a mesma função com menor salário.

Portanto, tomemos como nossas as palavras de Boaventura de Souza Santos. Uma postura clara, baseada na crítica científica à racionalidade instrumental, mas uma postura saudavelmente política e ideológica:

É preciso, pois, lutar por uma outra concepção de passado, em que este se converta em razão antecipada da nossa raiva e do nosso inconformismo. Em vez do passado neutralizado, o passado como perda irreparável resultante de iniciativas humanas que puderam escolher entre alternativas. Um passado reanimado em nossa direção pelo sofrimento e pela opressão que foram causados na presença de alternativas que os podiam ter evitado. [...] Na medida em que o passado deixar de ser automaticamente redimido pelo futuro, o sofrimento humano, a exploração e a opressão que o habitam passarão a ser um comentário cruel sobre o tempo presente, indesculpável porque continua a ocorrer e porque poderia ter sido evitado. (SANTOS, 1997, p.117).

Sejamos, pois, audazes.

## **Bibliografia**

BOUDON, Raymond. **A Ideologia**. São Paulo: Ática, 1989.

FERREIRA, Oliveiros S. **Os 45 Cavaleiros Húngaros**: Uma leitura dos Cadernos de Gramsci. São Paulo: HUCITEC, 1986.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 5. e. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. Lisboa: Publicações Europa-América, s.d.

ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contra ponto, 1996.

FREITAG, Barbara. **Teoria Crítica ontem e hoje**. 2. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

GEUSS, Raymond. **Teoria crítica: Habermas e a escola de Frankfurt**. Campinas: Papirus, 1988.

SANTOS, Boaventura de Souza. A queda do Angelus Novus: para além da equação moderna entre Raízes e Opções. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 47, p. 103-124, mar. 1997.

RIBEIRO, Renato J. A palavra democrática. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 março 1997. Caderno Mais, p. 8.